

**MARIA E O ECUMENISMO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DIVERGÊNCIAS
ENTRE PROTESTANTES E CATÓLICOS A PARTIR DE MARIA E DA
MARIOLOGIA CATÓLICA**

**MARY AND ECUMENISM: A CONTEXTUALIZATION OF DIVERGENCIES
BETWEEN PROTESTANTS AND CATHOLICS ABOUT MARY AND CATHOLIC
MARIOLOGY.**

¹Adriano Soares

²Kelly Thaysy Lopes Nascimento

RESUMO

O respectivo artigo tem por finalidade apresentar a contextualização do pensamento do protestantismo em relação à Maria e à mariologia católica, evidenciando as dificuldades que a mariologia e a devoção trazem para o ecumenismo.

Palavras chaves: Maria. Mariologia. Ecumenismo.

ABSTRACT

Their article aims to present the contextualization of the protestant thought in relation to Mary and the catholic Mariology, putting in evidence the difficulties that Mariology and marian devotion bring to the practice of ecumenism.

Keywords: Mary. Mariology. Ecumenism.

¹ Aluno do 4º ano do Curso de Teologia do Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição (SAPIC)

² Professora da disciplina de Ecumenismo no Curso de Teologia do SAPIC. Mestre em Ciências das Religiões – UFPB.

INTRODUÇÃO

A Igreja Católica Apostólica Romana tem em sua reflexão teológica um lugar reservado à Santa mãe de Deus, a excelsa Virgem Maria. Neste, a Igreja contempla as maravilhas que Deus realizou em favor de Maria; nela a Igreja não vê a meta de sua busca, mas percebe-a como um sacramento de entrega ao projeto de salvação que Deus, através de seu Filho, realizou pela humanidade, que é a meta dos que acreditam no Deus. Portanto, a Santa Igreja vê na mariologia um instrumento pedagógico que contribuirá para que os homens possam alcançar a meta que Deus destinou para todos. Por isso, ao estudarmos a mariologia e ao termos contato com o culto que a Igreja nos apresenta sobre a Santíssima Virgem, percebemos alguns elementos que corroborarão para o desenvolvimento espiritual do ser humano.

A partir da Mariologia constatamos Maria voltada para o seu Filho e não para si, ou seja, isto nos leva a perceber em Maria elementos que deverão ser assumidos por aqueles que buscam o Deus de Jesus Cristo. No entanto, ao longo da história, vozes contrárias surgem em desaprovação ao espaço que a Igreja Católica concede à Maria, que veem em Maria um obstáculo para o relacionamento fidedigno com Jesus Cristo, havendo, pois, a acusação de endeusamento da Mãe de Deus e de fazê-la maior que seu Filho. É nesta conjuntura que apresentamos considerações sobre o pensamento protestante acerca de Maria e da mariologia, e como para os “protestantes” o culto à Maria e à mariologia, criaram fissuras e desentendimento no âmbito do cristianismo, criando uma grande dificuldade para a vivência do ecumenismo.

Deste modo, objetivamos neste estudo fazer uma leitura da constituição da mariologia e o culto mariano ao lado do papado e dos ministérios na Igreja, percebendo os aspectos que dificultam o caminho para a unificação da cristandade. A mariologia católica é causa de repulsa por partes dos “protestantes”; as divergências entre a atitude protestante e a católica diante da mãe do Senhor são muitas vezes consideradas insuperáveis. O teólogo protestante Karl Barth escreveu: “Na doutrina e culto de Maria se revela a única heresia da Igreja Católica Romana que explica todo o resto”.

Raízes do problema

Raízes metodológico-teológicas tanto no catolicismo quanto na ortodoxia baseiam a sua mariologia não somente na Escritura mas também na tradição, na qual leem a palavra de Deus. O catolicismo e a ortodoxia possuem uma antropologia fundamentalmente otimista e em consequência elaboraram, dentro desta ótica, a sua visão da relação do homem com Deus e de Deus com o homem. Dentro desta visão, Deus, em Jesus Cristo, superou o abismo entre si e a criatura, fez do homem não somente objeto de sua misericórdia, mas ainda o companheiro, um sujeito que age no plano da salvação. O homem, portanto, pode ser cooperador de Deus: ajudado pela graça, pode merecer e servir de intermediário levando a salvação de Cristo a outros. Também a doutrina da comunhão dos santos é entendida de modo amplo: Entre os que já moram junto do Senhor e os que ainda são peregrinos na terra, permanece um laço vivo; os primeiros ajudam aos outros, e estes podem dirigir-se àqueles na oração.

No entanto, a cristandade protestante possui uma antropologia diferente, consequência do conceito de pecado original e que formulou os princípios “solus Christus”, “sola Gratia” e “sola Fides”, chegou-se à convicção de total antinomia entre Deus e o homem. Por isso para o pensamento protestante Deus e o homem são dois mundos diferentes; Deus está colocado tão no alto que no pensamento de cooperação do homem com Deus é simplesmente absurdo,

incompatível com o próprio conceito de Deus. O protestante Karl Barth expressou esta ideia assim: Deus pode pôr a mão no homem; o homem é objeto que Deus tem nas suas mãos; Deus é Deus, e o homem é o homem, pecado sem graça e morte sem esperança. O princípio *solus Christus* ou *unus Mediator* recebeu interpretação exclusivista e até antimariológica: Maria não desempenha função alguma de medianeira e está excluída a hipótese de podermos dirigir-nos à ela, também aos santos com a oração e a invocação para obter a intercessão.

Raízes teológicas

O protestantismo contesta no catolicismo alguns conceitos mariológicos particulares e algumas práticas de devoção mariana. Alguns deles estão ligados a todo o modo de pensar católico configurando-se como hipertrofia de especulação e psicologismo.

Na mariologia católica dominava a especulação sobre os chamados privilégios de Maria. A tendência para proclamar seus novos títulos, usando uma expressão característica, introduzir uma nova joia na coroa de Maria, como também um psicologismo que, com base na psicologia da mulher e da mãe, gerava muitas vezes práticas sentimentais sobre o coração materno, às quais terminavam com a sugestão de recorrer à Maria mais do que a qualquer outro, ainda que fosse o próprio Cristo.

A máxima atribuída a São Bernardo de Claraval, de que de Maria nunca se diz o bastante, levava a multiplicar excessivamente o discurso sobre Maria. A preocupação com a fidelidade à sagrada Escritura e à verdade cedeu lugar ao fervor de proclamar sempre novos títulos para a glória de Maria. Ao mesmo tempo, as vozes críticas ou cautelosas eram consideradas negativamente, como sinal de falta de veneração para com a mãe de Deus.

Esquecimento do princípio de hierarquia nas verdades

O decreto sobre o ecumenismo lembrou que existe uma ordem ou hierarquia nas verdades da doutrina católica, sendo diferente o seu nexos com o fundamento da fé cristã.

No diálogo ecumênico, os teólogos, sempre fiéis à doutrina da Igreja, quando investigarem, com os irmãos separados, os divinos mistérios, devem proceder com amor pela verdade, com caridade e com humildade. Ao confrontar as doutrinas, recordem-se de que existe uma ordem ou hierarquia de verdades sobre a doutrina católica, pois é diversa a sua conexão com o fundamento da fé cristã. (U R 1964)

Nessa hierarquia, encontram-se no mais alto as verdades concernentes ao fim, a saber: mistérios da Santíssima Trindade, de Cristo, da justificação, do reino futuro; mais abaixo as referentes aos meios que são os mistérios da Igreja, da palavra de Deus e dos sacramentos, da intercessão dos santos e de Maria, da oração.

Na teologia católica, especialmente na chamada literatura de devoção, bem como nas pregações, as pessoas procedem às vezes como se estivessem esquecendo essa hierarquia. Dedicam-se mais atenção à mediação de alguns santos e especialmente de Maria do que à mediação de Cristo. Em algumas regiões as procissões de Maria, mãe de Deus, atraem os fiéis em número maior e com maior eficácia do que a Eucaristia nas festas pascais. Em muitas igrejas os fiéis rezam com maior boa vontade e mais espontaneamente diante do altazinho do santo predileto e da mãe de Deus do que diante do sacrário. Os protestantes, ao verem tais fatos, chegam à conclusão de que a hierarquia, na verdade, está de fato perturbada.

Monoideísmo mariológico

Às vezes, os grandes apóstolos marianos, inclusive os que foram elevados à honra dos altares, apresentaram certas formas de culto mariano, por exemplo: o rosário, as três ave-marias, usa esta ou aquela medalha ou o escapulário, a chamada escravidão mariana, dentre outras, como sendo particularmente eficazes como meios seguros para a salvação. Tomam-se as suas máximas, fora do contexto da vida deles e do apostolado que exerceram e de acordo com elas, organiza-se a ação pastoral. Cristo fica na sombra, e colocado um pouco mais distante, como se fosse o ponto de chegada e não aquele com o qual devemos ter um contato imediato e contínuo: ele não é mais o coração e o centro da vida da devoção cristã. Desse modo, o evangelho fica alterado; na pregação, na verdade cristã acentuam-se de maneira imprópria os vários elementos da salvação. Com grande frequência acontece que efetivamente, ou seja, quanto ao mérito, Cristo continua sendo o valor mais importante, mas afetivamente, isto é, na prática, coloca-se Maria no centro e em torno dela organiza-se a devoção, procurando tranquilizar os que se preocupam com esta anomalia mediante a máxima de que Maria conduz à Jesus.

São Bernardo de Claraval, o maior pregador mariano de todos os tempos, levantou sobre a mediação de Cristo um tríptico: substancialmente a mediação de Cristo é suficiente, mas Cristo é homem, e, portanto, conviria que na obra da reparação participassem ambos os sexos, assim como ambos haviam participado da queda. A mediação de Cristo é evidentemente suficiente, mas, mesmo sendo homem, Cristo não deixa de ser o Deus de majestade; a sua humanidade parece ser dominada pela divindade e absorvida por esta; Maria, porém, continua sempre sendo criatura humana. Cristo sofreu muito por nós, mostrando-se plenamente misericordioso, mas mantém sempre a função de juiz; Maria, porém, é a mãe da misericórdia e não deve julgar. Esse tríptico levantado sobre a mediação de Cristo (homem, Deus, juiz) fundamenta eficazmente a mediação de Maria como medianeira junto ao mediador. Ela introduz uma humanidade que não é ligada à divindade. Por conseguinte, é mais razoável para nós refugiarmo-nos em Maria, considerando-a nossa firme esperança. A última demonstração desse modelo de salvação a Cristo por Maria seria segundo São Bernardo, a vontade de Deus. Essa teologia vai se repetindo no correr dos séculos, especialmente pelos lábios dos grandes apóstolos marianos. Não somente a reforma fez uma rigorosa contestação de tal apresentação da mediação de salvação, mas preocupa também muitos teólogos católicos sérios.

Por parte dos católicos, simplifica-se ou deforma-se a verdade, ensinando que os protestantes não veneram Maria. Em geral, falta também a compreensão diante das suas resistências em relação à forma de devoção mariana no catolicismo ou na ortodoxia. Mesmo em teólogos sérios encontram-se respostas um tanto simplistas para a tese de que a mariologia e as diversas formas de devoção mariana constituem um obstáculo no caminho da unificação. Eles acham que isto é impossível, já que Maria é mãe da unidade e que deseja muito exatamente a unidade dos cristãos. Não percebem que se trata de coisa bem diferente, ou seja, de que a nossa pregação sobre Maria e ainda mais a nossa devoção a ela assume por vezes, ou até com frequência, formas que suscitam objeções e dificultam a unificação.

Por parte dos protestantes, principalmente, surgiram nos últimos anos diversos especialistas em mariologia católica; em geral, porém, é difícil constatar nos mesmos verdadeira compreensão da atitude católica com relação à Maria. Isto talvez provenha do fato de que os protestantes obtiveram as informações sobre a mariologia católica com os próprios protestantes ou por meio dos escritos dos católicos maximalistas e não dos teólogos católicos indicados; assim sendo, avaliam o culto mariano à luz das suas manifestações menos felizes e inadequadas.

O espírito do ecumenismo e da renovação muda os ânimos muito lentamente e só consegue fazê-lo superando dificuldades infinitas. Do diálogo ecumênico participam poucos e há pouco tempo. A atitude de polêmica de ambas as partes não morreu. A orientação anticatólica entre os protestantes é notável pelos próprios protestantes, alguns dos quais permanecem mais anticatólicos do que protestantes propriamente ditos; consideram como primeiro artigo de seu credo o dever de se contraporem à Roma, quando devem dizer sim ao Evangelho e somente depois dizer não à fé católica. Constatase que a atitude de aversão e desprezo em relação ao culto mariano está enraizada na própria Reforma, que se encontra diante da hipertrofia do culto mariano medieval e, por isso, procurou orientar-se em direção radicalmente oposta. Se a cristandade reformada adotou, com relação à Maria, a atitude de profunda aversão e de quase total silêncio, ela o fez contra a intenção dos reformadores, que haviam conservado algumas festas marianas, a recitação da Ave Maria, bem como o nome de Maria no credo; somente em segundo período a veneração à mãe do Senhor desapareceu das Igrejas protestantes. Para ressaltar a o que fora exposto acima Tavad diz:

A devoção mariana foi preservada oficialmente sob Henrique VIII, e o próprio rei fez manifestações tradicionais de piedade mariana, como ir em peregrinação até Walsingham. Extra oficialmente, no entanto, já existiam críticas acerbas contra abusos e, até certo ponto, contra o princípio subjacente de devoção mariana. (Tavad. 1999 p 181).

A história da Igreja é marcada por cismas, divisões e ofensas recíprocas. As paredes que se erguiam entre os irmãos em discórdia eram construídas somente em parte com elementos de doutrina; para elas contribuíram de modo maciço as incompreensões mútuas, as aversões, a falta de confiança, o orgulho e muitas vezes até o ódio de parte à parte. Foram estes fatores que levantaram as barreiras psicológicas mais difíceis de serem derrubadas, do que o modo diferente de abordar uma questão teológica.

Uso de abuso

Os reformadores abandonaram a prática do culto à mãe de Deus, colocando a causa nos exageros cometidos por parte dos católicos. No entanto, o próprio Lutero não optou por erradicar Maria da práxis litúrgica protestante:

Entretanto, a prática luterana posterior foi menos mariana do que o próprio Lutero ou as igrejas do século XVI. As festas de Maria desapareceram do calendário litúrgico normal, e a atitude calorosa para com a mãe de Cristo que está manifesta nas explanações de Lutero sobre o Magnificat se tornou uma coisa do passado. (Tavad 1999 p 161).

Alguns teólogos admitem que poderiam falar de Maria de modo mais positivo, mas os seguintes exageros na mariologia católica os impedem de fazê-lo: maximalismo mariano que leva em conta demasiadamente pouco, o princípio de exatidão teológica, o predomínio da mariologia do coração sobre as fontes teológicas objetivas, isolamento da mariologia em face ao amplo contexto teológico e autonomismo do tratado sobre Maria, contraposição da misericórdia de Maria à justiça de Cristo, hipertrofia de especulações, demasiado destaque dado à proximidade e semelhança de Maria com o Cristo e reticência quanto à distância entre eles afirmada pelo evangelho, comercialização do culto mariano.

Na mariologia, como em nenhum outro campo da teologia, concentram-se os grandes temas, como se fossem os raios convergindo para a lente: revelação e tradição, pecado e santidade, primado do bispo de Roma e infalibilidade da Igreja, graça e mérito, redenção e possibilidade do homem no plano da salvação. A mariologia é tal, e não de forma diferente, porque o catolicismo, segundo sua perspectiva própria, lê o evangelho, elabora uma determinada metateologia (função dos concílios e dos padres, *sensus fidei*, magistério da Igreja), entende a justificação, bem como o homem e a sua relação com a graça. A mariologia é a arena de magnífica ilustração do método de que se serve a Igreja Católica para desenvolver a sua doutrina. Tudo isso tem significado positivo para o diálogo ecumênico das igrejas que devem definir-se a si próprias. Também o protestantismo, ao criticar asperamente a Mariologia católica, lembra os seus “sola principia” e o modo de seu funcionamento na estrutura do pensamento teológico. Se o diálogo ecumênico no campo da mariologia encontra dificuldades excepcionalmente graves, a dificuldade fundamental não é constituída pelo seu caráter específico deste campo de teologia, mas pelo fato de que nela culminam os outros setores de teologia e de metateologia, dificilmente harmonizável com os da Reforma.

Durante o congresso mariológico internacional realizado em Roma, foi feita uma mesa redonda com a participação de protestantes, de ortodoxos e de católicos. A declaração contém os seguintes pontos: 1 – Cristo é o único mediador (1Tm 2,5); 2 – a obra de Cristo Deus uniu, em graus diferentes, mediadores criados, entre os quais se sobressai Maria por sua excepcional eficácia; 3 – Maria foi previamente escolhida para dar à luz o redentor, que recebeu dela a humanidade, necessária para realizar o sacrifício da cruz; o *fiat* tem um significado permanente e foi um consentimento voluntário para a maternidade divina e a nossa salvação; 5 - a cooperação de Maria ficou demonstrada quando ela permaneceu ao pé da cruz, enquanto quase todos os apóstolos haviam fugido; 6 – as orações que invocam a intercessão de Maria se baseiam na confiança em Maria que o Espírito Santo suscita nos corações dos fiéis, e no fato de que Maria permanece sempre ligada à obra da redenção.

A Declaração Ecumênica sobre a Veneração De Maria (Saragoça 09.101979).

A declaração de Saragoça foi assinada por luteranos, reformados, anglicanos, por um ortodoxo e por católicos. Ao abordar o tema da veneração de Maria, a declaração constatou que: 1 – a veneração religiosa cristã é a veneração de Deus e de Cristo; ao venerarmos os santos e Maria, estamos louvando essencialmente os dons divinos que resplandecem neles; 2 - a forma de veneração de Maria reconhecida por todos consiste na imitação dela, que se fez humilde escrava do Senhor, pobre diante de Javé e obediente à palavra de Deus, ela se tornou templo do Espírito Santo e foi o tabernáculo do altíssimo, pelo qual o verbo se encarnou; 3 - em conformidade com o II Concílio de Nicéia, o culto a Maria não é adoração, pois esta é devida exclusivamente a Deus, mas somente veneração; 4 - se os cristãos que vivem na terra podem rezar pelos outros, deve-se admitir que possam fazê-lo também os que já atingiram a plenitude em Cristo, portanto também os santos e Maria, pois não fere nem prejudica a mediação única de Cristo; é preciso admitir a intercessão deles, mas convém esclarecer o problema da invocação dos santos e de Maria que intercedam por nós; 5 - a diferença das atitudes a propósito da veneração de Maria decorre da herança espiritual diversa, das diferenças de língua e de cultura.

A constatação dos supracitados pontos de convergência é considerada uma feliz experiência pelos luteranos, anglicanos, ortodoxos e católicos participantes do diálogo; o fato de que nem todos das várias igrejas compartilham tal opinião decorre mais razões emocionais do que teológicas.

CONCLUSÃO

A mariologia não constitui por certo o núcleo central do mistério e da mensagem do cristianismo, porém, sim, constitui-se de fato durante a polêmica posterior à Reforma em bandeira discutida que contribui notavelmente para definir as fronteiras de separação entre a reforma protestante e a igreja Católica. A imagem que cada um desses âmbitos confessionais forjou de Maria, tornou-se expoente e importante ponto de cristalização da compreensão, diferentemente de outras verdades fundamentais: da eclesiologia e da doutrina da justificação e da graça, da eclesiologia e da escatologia. A Reforma viu na mariologia católica uma identificação exagerada de Maria com Cristo, que conduziu à divinização inadmissível da criatura, e conseqüentemente ao tão temido sinergismo ou cooperação do homem com a graça divina. E, por outro lado, a divinização da Igreja, da qual Maria é protótipo, com o triunfalismo conseqüente da Igreja Católica. Sem dúvida essas acusações são exageradas. Porém, vejamos em quais pontos caberia insistir em vista a um diálogo construtivo.

É importante começar realçando com suma firmeza a total coincidência que reina entre a postura oficial da Reforma e da Igreja Católica no reconhecimento unânime nas duas afirmações fundamentais acerca de Maria: sua maternidade divina e sua virgindade. É verdade que há certos matizes na explicação desses dados, os quais, porém, nada obstam à conformidade fundamental. Isso constitui um ponto de partida ecumênico muito importante, do qual os fiéis das diversas confissões deverão tomar consciência.

Quanto aos pontos de atrito (conceição imaculada, assunção e mediação de Maria), haveria que pedir, especialmente aos católicos, que evitassem certos exageros, aos quais o âmbito católico foi às vezes propenso na teologia, bem como na pregação e na práxis da Igreja, em relação à Maria. Tanto a teologia como a práxis devem ser reguladas fundamentalmente pela palavra de Deus na Escritura. Por outro lado, a teologia católica deve acertar ao inserir a mariologia em todo o conjunto do mistério cristão, dando razão de sua coerência e seu sentido.

As igrejas da Reforma haveria que pedir-lhes, por sua vez, maior tolerância para uma leitura da Escritura que ultrapasse o nível de exegese puramente literal, técnica e fria, exegese que corre cada vez o perigo de deixar menos espaço à Maria. Sobre a mediação de Maria, convém distinguir entre a mediação absoluta que corresponde somente a Cristo e outra participada ou relativa. É indubitável que Cristo utilizou seus discípulos como mensageiros de sua palavra. Antes de sua fixação na Escritura, a palavra de Deus é transmitida por mediação da tradição eclesial, por meio dos apóstolos: Paulo designa-se como pai dos fiéis em Cristo pelo evangelho (1 Cor 4,15). Pois bem, Calvino reconhece que Maria nos trouxe a palavra e a doutrina, que antes escutou na fé. Por outro lado, ao aceitar a Reforma que a Escritura e o anúncio da palavra nos levam a Cristo, não se admite já certa função mediadora destas? E o sacerdócio dos fiéis, participação do de Cristo, não implica também certa mediação participada? Conviria situar a figura de Maria à luz destas mediações secundárias como representante mais exímia a partir de Cristo, único mediador.

REFERÊNCIAS

- DICIONÁRIO DO MOVIMENTO ECUMÊNICO. LOSSKY, Nicholas (tradução de Jaime Clasen). Petrópolis: Vozes, 2005.
- DOCUMENTOS DA IGREJA. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- TAVARD, H. **As múltiplas faces da Virgem Maria** (tradução de Attilio Brunetta). São Paulo: Paulus, 1999.